

Briga de PT e PRN em Brasília deixa seis feridos

Ronaldo Brasiliense

Brasília — José Varella

BRASÍLIA — Bandeiras vermelhas nas mãos, centenas de militantes do PT, PC do B, PSB e PDT postaram-se, em frente à sede do Movimento Popular de Reconstrução Nacional, no Eixo Monumental, e o que parecia ser uma manifestação pacífica em apoio à candidatura de Luís Inácio Lula da Silva acabou em pancadaria, com pelo menos seis pessoas feridas. “São fanáticos, arruaceiros e baderneiros que vieram aqui apenas para provocar e fazer depredações”, acusou Hugo Crepaldi, coordenador geral de fiscalização do MPRN em Brasília, que, segundo contou, ficou acuado dentro do comitê e teve que acionar a polícia para evitar um quebra-quebra na sede do movimento pró-Collor.

“Eu vim aqui no comitê ver se conseguia uma camisa do Collor e acabei apanhando. Me deram pauladas e rasgaram minha camisa”, disse o ambulante José Luís da Silva, de 19 anos, mostrando ferimentos no pescoço e um hematoma nas costas. “São uns animais, me agrediram covardemente”, garantiu o bancário Levino dos Reis, exibindo um profundo corte na cabeça e a camisa totalmente ensanguentada, enrolado numa bandeira do PT. Ele conta que seguranças do comitê do MPRN atravessaram a rua e estavam agredindo a doméstica Maria José Melo: “Eu parei meu carro e quando tentei pedir aos brutamontes que parassem de agredir a mulher, peguei uma paulada na cabeça, socos e pontapés”.

‘Bagunça’ — Hugo Crepaldi, do comitê de Collor, garante que a agressão partiu dos petistas que resolveram agredir as pessoas que iam ao comitê receber camisetas e propaganda eleitoral de Collor. “São uns fascistas, que não sabem conviver com a democracia”, acusou ele, dizendo que o bancário Levino atingiu a si próprio para exibir sangue aos jornalistas. “Eles são tão fanáticos que se mutilam para dessa forma ajudar o Lula”, acusou. Na sede do MPRN trabalham 35 pessoas, inclusive mulheres voluntárias e há

apenas três seguranças. A briga só acabou com a intervenção da Polícia Militar, chamada pelo PRN. Em Brasília, no primeiro turno, Lula chegou em primeiro lugar, batendo Collor por uma diferença de 47 mil votos.

O líder do PRN na Câmara Federal e coordenador da campanha de Collor, deputado Renan Calheiros, afirma que nos mais de 60 comícios que realizou desde o início da campanha, em todos os estados, Collor teve que enfrentar as vaías e agressões dos militantes da Frente Brasil Popular, que apóia Lula. Só teve paz em Alagoas, estado que governou até se descompatibilizar para disputar a presidência e onde, no primeiro turno, venceu por larga diferença. “Infelizmente, a militância de nossos adversários não está preparada para conviver em um regime democrático”, disse.

Ainda segundo ele, os casos mais graves de agressão durante a campanha ocorreram, ainda no primeiro turno, em Niterói —, onde brizolistas atacaram a comitiva de Collor e seu assessor de imprensa, Cláudio Humberto Rosa e Silva, que levou uma pedrada no rosto —, e, já na campanha do segundo turno, em Caxias do Sul, onde adeptos da candidatura de Lula, apoiados por brizolistas, atacaram e depredaram o palanque montado para Collor e destruíram todos os equipamentos de som, além de agredir pessoas da equipe de filmagem.

O deputado do PRN diz que Collor foi hostilizado, em maior ou menor grau, em todas as cidades onde esteve em campanha. Ele faz questão de ressaltar que é totalmente contra a utilização do anti-comunismo na campanha (ele mesmo já foi militante esquerdista, apoiado por parcelas do PC do B, que hoje apóia Lula), mas considera agressiva a forma pela qual atuam os militantes petistas e pedetistas, que, a seu ver, tentam evitar os comícios do candidato Collor de Melo. “O PT tem nos agredido diariamente na televisão e na campanha de rua, o que é incompatível com a democracia”, concluiu.



José Luís: camisa rasgada e arranhões. Levino: sangue na roupa e na bandeira